

LEITURA, LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA*

RESUMO: Este artigo abriu o I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do Oeste Paulista realizado em outubro de 2000 em Presidente Prudente. Mostro a importância da leitura na formação do professor e o resgate do prazer em textos de tipologias variadas: quadras, adivinhas, trava línguas, cantigas, fábulas, lendas, piadas - todos pertencentes às tradições orais brasileiras. Estas memórias que ainda carregamos conosco e que, no meu ponto de vista, formam a base para a nossa sensibilidade com as maravilhas da linguagem. No meu ponto de vista, sem o cultivo dessas tradições, dificilmente seremos capazes de levar os estudantes àquilo que é chamado de "gosto pela leitura" - isto porque, para apreciar a literatura, o leitor tem que possuir uma sensibilidade aguçada em relação à elasticidade da palavra. Elasticidade esta que permite o artesanato criativo dos escritores que têm nas crianças e nos jovens os destinatários de suas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura; Formação de Professores; Tradições orais Brasileiras.

LECTURE, YOUNG ADULT LITERATURE AND THE TEACHER'S FORMATION

ABSTRACT: This article opened the "I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do Oeste Paulista" (I International Seminar on child and juvenile literatura of the State of São Paulo) that took place in Presidente Prudente in October 2000. I show in this article the importance of reading in teachers training and the importance of rescuing the taste in reading various types of texts: poems, guessing games, tongue twister, sing along the rosy games, fables, legends, jokes - all part of Brazilian oral tradition. These memories that we still carry with us and that from point of view, form the base to build our sensibility with the beauty of the language. From point of view, without practicing those traditions, it will be very difficult to bring to our students what we call the "taste of reading" - that because, to appreciate literature the reader needs to have such a sensibility related with the elasticity of the words. It will be this elasticity that provides the creative work by the authors with the words that have in the children and the adults the readers of their books.

* Departamento de Metodologia de Ensino - Faculdade de Educação - UNICAMP - 13084-111 - Campinas - Estado de São Paulo - Brasil.

INTRODUÇÃO

Pretendo que a nossa conversa desta manhã seja gostosa, prazerosa, participativa e envolvente, mais ou menos como se diz que deve ser a dinâmica da literatura infanto-juvenil nas nossas escolas. *Gostosa* no sentido de que venha a contribuir para o início da formação ou a continuidade do gosto por todas as configurações verbais (orais e escritas) voltadas às fases da infância e da juventude. *Prazerosa*, acendendo a chama do prazer, do desejo, da eroticidade pelas coisas criadas pela literatura. *Participativa*, quer dizer: impedindo que vocês durmam aí nas cadeiras por uma possível paralisia dos ouvidos em função das chatices que saem da minha boca. *Envolvente*, isto é, capaz de deixar com todos vocês pelo menos um leve resíduo de lembrança desta situação nesta manhã de sexta feira que antecipa o sábado - o dia em que, para o poeta Vinícius de Moraes, "Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas. Todos os maridos estão funcionando regularmente. Todas as mulheres estão atentas."

No intuito de resgatar afetos e memórias e, quem sabe, provocar um pouco de lucidez nas pessoas que estão participando desta conversa, eu gostaria de conduzir o olhar curioso de cada um para dentro do vasto mundo do imaginário infanto-juvenil - um imaginário que, como quer Vigotski, é sempre permeado, representado pela matéria verbal, pela linguagem. Vamos, juntos, fazer um passeio e o caminho que construo para esse passeio não nos leva a Monteiro Lobato e nem aos excelentes autores que renovaram a literatura infanto-juvenil brasileira a partir de 1970. Esse caminho nos leva, isto sim, à tradição nacional, ao cheiro da terra, à experiência do povo, à sabedoria popular, ao maravilhoso patrimônio criado pelos brasileiros, tendo em mira a educação e a cultura de suas crianças. Junto com vocês, quero ir hoje onde tudo começa em termos de jogo de linguagem e construção de substância verbal que movimenta a fantasia e a imaginação das crianças. Quero ir onde as primeiras imagens e experiências ficam ou ficaram em nós impregnadas.

Esse caminho, escolhido e delineado por mim, não surge ao acaso, mas sim como uma resposta aos fluidos aculturadores da globalização, que tendem a formatar a cabeça e o imaginário dos jovens do mundo todo. Formatação essa que tem como modelo ou como padrão único os Estados Unidos, desde a forma de se vestir à forma de se

alimentar. Da calça Lee ao MacDonald's. Como disse e reitero e reafirmo: a direção do caminho leva o nosso olhar para um passeio àquilo que a sabedoria popular brasileira colocou em nossas mãos para a conservação e aprimoramento da nacionalidade brasileira.

É importante dizer ainda que este nosso passeio visita determinadas regiões aclaradas pelo trabalho com a linguagem infantil. Dessa forma, ao visitar essas regiões, estarei, ao mesmo tempo, mostrando como eu acredito devam ser desenvolvidas as aulas de literatura infanto-juvenil pelos professores. O professor mais perspicaz certamente saberá derivar implicações para o processo de sua formação continuada e para as aulas de literatura na escola.

O dicionário Aurélio nos revela que literatura é a "*arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso*", adicionando na entrada 7 do mesmo verbete que literatura é "*qualquer dos usos estéticos da linguagem*". Vou divagar um pouco com vocês, vou tentar movimentar, chacoalhar as minhas memórias de infância no sentido de configurar a origem, a gênese de como a gente, todos nós começamos a mexer com as palavras, a brincar com as palavras no sentido de descobrir um pouco dos seus mistérios, da sua plasticidade, dos seus recursos e das suas belezas infindas.

UM POUCO DO LÚDICO DAS PALAVRAS

- PASSATEMPO LINGUÍSTICO (LINGUAGENS SECRETAS OU DO PEAPÁ)

pe-é pe-u pe-ma pe-for pe-te pe-for pe-ma pe-de pe-brin pe-ca pe-dei pe-ra pe-in pe-fan pe-til (É uma forte forma de brincadeira infantil)

As línguas recreativas (língua do guri, dos girim, do pe-a-pá, do "i" e outras), são fontes, são apelos para a consciência do código linguístico, aguçando a curiosidade dos interlocutores mirins.

O mar estava sereno, sereno estava o mar.

A mar astava sarana; sarana astava a mar.

E mer esteve serene; serene esteve e mer.

I mir istivi sirini; sirini istivi i mir.

O mor ostovo sorono; sorono ostovo o mor.

U mur ustuvu surunu; surunu ustuvu u mur.

O mar estava sereno; sereno estava o mar.

- EX-LIBRIS

São inscrições em prosa ou verso na contracapa de um livro ou caderno para marcar a sua posse.

"Esse livro não é seu
cuida de devolver o que é meu."

"Este livro é meu
e que não fique no acervo seu."

"Quem neste livro pegar
Não causa admiração
Mas quem com ele ficar
Pode estar certo de que é ladrão."

"Marmelo é fruta gostosa
Que dá na ponta da cara
Quem ficar com este livro
Não tem vergonha na cara."

- FRASES DE PARA-CHOQUES DE CAMINHÃO

Marido de mulher feia detesta feriado.

90 por cento de beleza feminina sai com água e sabão.

O homem nasce, cresce, fica bobo e casa.

A mulher é como a estrada, quantos mais curvas, mais perigosas.

- ENGANOS -PEGAS VERBAIS INFANTIS

- Tudo que eu falar, você fala "guei"
- Vi uma mulher
- Mulher-guei
- Vi um elefante.

- Elefante-guei
- Vi uma jaca
- Jaca-guei (já caguei)

- Você conhece a Amara ?
- Que Amara ?
- Aquela que lhe deu um tapa na cara.

- Eu vi o teu nome escrito
- Onde ?
- Na careca de um mosquito.

• ALUSÕES

São fórmulas infantis, geralmente agressivas, através das quais se faz referência a qualquer defeito ou ponto criticável de outra pessoa.

Zé Prequeté
Tira bicho do pé
Pra tomar com café.

Viva o Zé Pereira
Atrás da bananeira
Comeu muita banana
E morreu de caganeira.

• RÉPLICAS

Perguntas do tipo clichê, que recebem respostas geniosas do interlocutor. Revelam o gênio poético do povo.

- O que é isso ?
- Chouriço
Pra comer na hora do serviço.

- Bem feito !
- Seu nariz está mal feito.
Vá na casa do prefeito

Que ele dá um jeito.

- FÓRMULAS DE JOGAR

Palavras usadas pelas crianças nos seus jogos.

Primeiro
Seu lugar
Sem rir
Sem falar
De um pé
Ao outro
De uma mão
À outra
De uma palma
Às duas
Piroletas
Bem dadas

- MNEMONIAS

Parlendas para ensinar os primeiros números e nomes das coisas às crianças.

Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tinha sete namorados
Agora não tenho nenhum

Trinta dias tem novembro
Abril, junho e setembro
Vinte e oito tem só um
Os demais têm trinta e um.

- PARLENDAS

Palavreado infantil, em verso, para acalantar e distrair as crianças.

- O palhaço o que é ?
- É ladrão de muié.
- Hoje tem arrelia ?
- Tem sim sinhô.
- No nariz da sua tia ?
- Tem sim sinhô.
- Hoje tem borogodó ?
- Tem sim sinhô.
- No nariz da sua vó.

- TRAVA LÍNGUAS

Modalidade de parlenda (em prosa ou verso) com fonemas difíceis de pronunciar, com aliterações (repetição de um mesmo som).

- /p/ O peito do pé do pai do padre Pedro é peto.
- /f/ Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia.
- /s/ /k/ Quanto socó para um socó só coçar

- ADIVINHAS

Enigma em forma de prosa ou verso onde o objeto/referência é descrito de maneira dissimulada.

O que é ? O que é ?

De boca pra cima está vazio.

De boca pra baixo está cheio. (R- chapéu)

O que é ? O que é ?

Todos têm duas e você só tem uma ? (R. a letra "o")

O que mais cheira na farmácia ?

(R. o nariz do farmacêutico)

O que a formiga tem maior do que o boi ? (R. o nome)

O que a mulher tem no meio das pernas ? (R. os joelhos)

O que é que a moça tem estreita quando é solteira e larga, depois de casada ? (R. a cama)

- QUADRAS

Trovas ou quadrinhas de 4 versos, que surgem espontaneamente no meio do povo.

O homem é como o ioiô
Um brinquedinho inocente
Quanto mais longe se joga
Mais forte volta pra gente.

Menina, casa comigo,
Que eu sou bom trabalhador
Com chuva não vou à roça
Com sol eu também não vou.

Meu galinho de campina
Rouxinol de laranjeira
Não há dinheiro que pague
Beijo de mulher solteira.

NO MEIO DO PASSEIO, UM POUCO DO CANCIONEIRO INFANTIL

No meio deste nosso passeio pelo universo infanto-juvenil, gostaria de dizer que uma das formas pedagógicas de se trabalhar com a literatura na escola é trazer um outra arte encaminhar as atividades de reflexão, análise e produção de mais sentidos às obras lidas.

Ao invés de reproduzir os enfadonhos passos contidos nos livros didáticos (ler em voz alta, vocabulário, questionário, gramática e redação), sugiro que os professores desenvolvam atividades com outras artes no sentido de explorar os textos literários, produzidos primordialmente com a

linguagem verbal escritas e com imagens (ilustrações). Mais especificamente, quando for trabalhar os livros de literatura infanto-juvenil com um grupo de estudantes, que o professor imagine e desenvolva atividades usando música, teatro, dança, fotografia, artes plásticas no sentido de aguçar ainda a sensibilidade das crianças e, ao mesmo tempo, fazer comparações possíveis e aumentar o grau de compreensão da vida pela arte.

Para que a gente penetre no mundo do imaginário, convido a todos para dançar e se mexer um pouco, Depois, para cantar comigo:

TERESINHA DE JESUS

Teresinha de Jesus,
De uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que à Teresa deu a mão

Teresinha levantou-se
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo:
Eu te dou meu coração

Da laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da morena quero um beijo
E da loura um abraço

UM, DOIS, TRÊS

Um, dois, três
Quatro, cinco seis
Sete, oito, nove,

Para doze faltam três

MARCHA SOLDADO

Marcha soldado
Cabeça de papel
Quem não marchar direito
Vai preso no quartel

O quartel pegou fogo
A polícia deu sinal
Acode, acode, acode
A bandeira nacional

PIROLITO QUE BATE

Pirolito que bate
Pirolito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu

ESCRAVOS DE JÓ

Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, bota,
Não deixa ficar

Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zague

FINALIZANDO O PASSEIO

No começo desta nossa conversa, eu disse que pretendia levar vocês e o olhar de vocês para um passeio no universo das produções culturais infantis. Disse também que esse passeio seria uma "aula" em si

mesma, sensibilizando os viajantes desta manhã prudentina e prudentemente mostrando as relações entre leitura, literatura infanto-juvenil e formação de professores.

Para encerrar, pretendo agora entrar um pouco na região dos gêneros narrativos infantis com o propósito de mostrar a sua beleza e a sua importância no percurso último desta viagem. Ao ler e apresentar algumas produções clássicas dessa área, não quero e nem pretendo, como já disse, descartar os escritores brasileiros mais atuais; desejo, isto sim, mostrar que o cultivo das tradições, o trato com a matéria verbal pode criar uma sintonia saudável e produtiva das crianças com os livros de literatura - isto porque o escritor trabalha artesanalmente a palavra em todos os seus níveis, oferecendo o texto como um projeto de significação, a ser dinamizado pela fantasia dos leitores.

- **LENDA** - Mãe da história, o que caracteriza a lenda é a sua vinculação, na mente popular a algum personagem famosos, ou a um marco geográfico ou a uma evento da comunidade.

LENDA DO TOPÔNIMO BENFICA

Há muitos anos atrás, Benfica, distrito de Juiz de Fora (MG), não tinha esse nome. Contam que um jovem de Juiz de Fora namorava uma moça daquele lugar. Ambos e gostavam muito.

E toda vez que o rapaz se despedia para pegar o trem de volta, a namorada não se conformava com a partida. Quem passasse perto deles naquela hora, ouvia-a suplicando.

- Bem fica ! Bem fica !

Daí o nome Benfica - em função de tantas vezes de despedida.

- **MITO** - Uma narrativa que transcende a natureza humana. Nasceu da necessidade do homem em explicar o mundo em que vive e sua própria presença nele. Povoamento de entidades invisíveis...

A MULA SEM CABEÇA

Éramos pequenos e já dormíamos, quando fomos despertados. Era papai que nos chamava, para ver uma mula-sem-cabeça. Não vi nada. Ouí, porém, o barulho que fazia com os cascos e os sinos. Era como se fosse tropa inteira que corria desesperada morro abaixo.

No dia seguinte, papai nos explicou tudo. A mula sem cabeça é uma concubina de padre, que, para livrar-se do pecado da sedução, transforma-se em mula. A cabeça não aparece, porque ela não a tem (é desmiolada). Assim, ela deve percorrer sete córregos, antes do galo cantar, para livrar-se do pecado, o que dificilmente consegue, pois, não tendo cabeça, costuma passar as sete vezes pelo mesmo caminho.

Tem outro meio de salvação. Este é por intermédio de uma lama boa que, vendo-a passar, toma o terço e retira uma de suas contas e estende-o no seu caminho. Ao passar, a mula dá com ele e põe-se contá-lo. Não encontrando as 59 contas, pensa que se enganou na contagem e repete a manobra uma e muitas vezes, até que o galo cante.

Ao cantar do galo, ela perde o mau encanto e se encontra nua no caminho.

- **CONTOS** - Narrativas simples, fictícia, relacionada com o dia-a-dia do homem, contando suas lutas, seus anseios, experiências, etc. Fértis recursos da imaginação popular. Um conto de exemplo (encantamento, animais, cômicos, religiosos, demônio logrado, adivinhação, etc.).

A SOPA DE PEDRA

Havia uma vez um homem muito avarento, que jamais dava qualquer coisa para os outros.

Certo dia bateu à sua porta cansando viandante, que lhe implorou um prato de comida, o qual lhe foi negado, como era de se esperar.

- Mas o senhor não tem aí nem uma sopa de pedra ? - perguntou-lhe o estranho

Ao ouvir falar em sopa de pedra, o avarento arregalou os olhos de espanto e imaginou o dinheiro que economizaria, se aprendesse a fazer a tal sopa.

- Entre, meu amigo. Eu não sei fazer essa sopa, mas se o senhor mesmo quiser fazê-la, a casa é sua.

O viajante entrou na casa, foi para a cozinha, acendeu o fogo, pôs uma panela no fogão, encheu-a de água e disse ao dono:

- Agora o senhor vá lá fora, apanhe duas pedras, lave-as bem lavadinhas e ponha-as na panela.

Assim foi feito mais que depressa. E ficaram os dois observando a água ferver.

Quando isso aconteceu, o estranho perguntou ao avarento:

- Por acaso o senhor não tem aí um pouco de fubá ? Jogue-o na panela para engrossar o caldo.

Pouco depois, vendo uma lingüiças penduradas no fumeiro, pediu que cortasse uns pedaços e pusesse na panela, que assim a sopa ficaria mais gostosa.

A seguir falou:

- Agora, para completar a sopa, só falta colocar dentro uma pitada de sal, um pouco de pimenta e uns pedaços de cebola. E a sopa está pronta finalmente.

Feito isso, sentaram-se os dois à mesa e tomaram sopa até se fartarem.

Quando acabou, o viajante levantou-se, agradeceu e foi saindo.

Mas o avarento lhe perguntou:

- O que eu faço agora com as duas pedras ?

Já caminhando, foi dizendo o viajante:

- Lave-as novamente e guarde-as para um dia fazer nova sopa com elas para algum caminhante faminto como eu, que lhe pedir um prato de comida.

- **FÁBULAS** - Narrativas breves de uma ação alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais irracionais e que se encerram com um ensinamento, um princípio moral.

O PULO DO GATO

Comadre Onça queria devorar o compadre gato. Mas este era muito esperto e sempre dava um pulo e fugia.

A Onça então mudou de tática. Chegou-se a ele com muitos bons modos e pediu-lhe:

- Compadre gato, você bem que podia me ensinar a pular.
- Eu não - respondeu-lhe o Gato - para depois a senhora me engolir !

A Onça jurou que não, que ela não iria comer um bichinho tão pequenino e ainda por cima seu parente.

Tanto fez, tanto falou, que o Gato resolveu por fim ensina-la a pular.

E começaram as lições. Pula aqui, salta dali, cai de um lado, rola de outro, e a Onça imitando tudo, até que o gato deu a lição por terminada.

- Agora a senhora pode pular sozinha, que eu fico observando, disse-lhe o Gato.

Comadre Onça começou a reproduzir todos os saltos do gato, até que em dado momento, julgando estar o gato distraído, pulou em cima dele. Mas o Gato não nasceu ontem. Saltou de banda e escapuliu para cima de uma árvore.

A Onça, desapontada, reclamou:

- Compadre Gato, esse pulo o senhor não me ensinou ! Assim não vale !...

Ao que o gato respondeu:

- É, comadre Onça ! Mas nem tudo os mestres ensinam aos seus alunos.

Dizendo isso, desapareceu num outro salto de mestre.

- **CASOS** - Narrativas de acontecimentos ocorridos com uma pessoa (o próprio narrador) ou assistido por ele. Vai como enfeite a fantasia e muitas vezes o próprio absurdo.

O DEFUNTO VIVO

Em alguns arraiais do interior mineiro, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão na cidade vizinha, de caminhão.

Certa feita, vinha pela estrada um caminhão com sua lúgubre encomenda, quando alguém fez sinal, pedindo carona. O motorista parou.

- Se você não se incomodar de ir na carroceria, junto do caixão, pode subir.

O homem disse que não tinha importância, que estava com pressa. Agradeceu e subiu. E a viagem prosseguiu.

Nisto começa a chover. O homem, não tendo onde se esconder da chuva, vendo o caixão vazio, achou melhor deitar-se dentro dele, fechando a tampa, para melhor abrigar-se. Com o balanço da viagem, logo pegou no sono.

Mais na frente, outra pessoa pediu carona. O motorista falou:

- Se você não se importa de viajar com o outro que está lá em cima, pode subir.

O segundo homem subiu no caminhão. Embora achasse desagradável viajar com um defunto num caixão, era melhor que ir a pé para o povoado.

De tempo em tempos, novos caronas subiam na carroceria, sentavam-se respeitosos, em silêncio, em volta do caixão, enquanto seguiam viagem.

Avizinhando-se o arraial, ao passar num buraco da estrada, um tremendo solavanco sacode o caixão e desperta o dorminhoco que se escondera da chuva dentro dele.

Levantando devagarinho a tampa do caixão e pondo a palma da mão para fora, fala em voz alta:

- Será que já parou a chuva ?:

Foi um corre-corre dos diabos. Não ficou um em cima do caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

- **PIADAS** - Anekdotes, narrativas curtas, caracterizadas pelo desfecho inesperado, capaz de gerar riso.

PIADAS DE ESCOLA

- Joãozinho, dê um exemplo de um réptil.
- Uma cobra.
- Muito bem ! Outro exemplo.
- Outra cobra.

- Carlinhos, se eu der seis laranjas para seu irmão e mandar que ele lhe dê três, com quantas laranjas ele ficará ?
- Com seis.
- Como assim ? Então você não conhece matemática ?
- Conheço, sim, senhora. Mas eu conheço ainda mais o meu irmão.

- Juquinha, o que é "um" ?
- Um é verbo.
- Ah, é ? ! Então conjugue.
- Eu um, tu dois, ele três, nós quatro, vós cinco, eles seis.

PALAVRAS FINAIS

Procurei, nesta palestra, levar os meus interlocutores a uma viagem pelas tradições orais brasileiras, que perfazem um pouco do nosso imenso universo infantil. Minha intenção era revirar um pouco as memórias adormecidas que muitos de nós ainda carregamos e que formam a base para a nossa sensibilidade com as maravilhas da linguagem. Sem o cultivo dessas tradições, dificilmente seremos capazes de levar os estudantes àquilo que é chamado de "gosto pela leitura" - isto porque, para apreciar a literatura, o leitor tem que possuir uma sensibilidade aguçada em relação à elasticidade da palavra. Elasticidade esta que permite o artesanato criativo dos escritores que têm nas crianças e nos jovens os destinatários de suas obras.

Recebido em: 06/05/2002

Aprovado em: 25/06/2002

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WENZEL, Antonio Henrique. *Folclore literário e lingüístico: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular*. Juiz de Fora: Esdeva, 1984.